

Nome: Giulia Tofanini de Souza; **Nº USP:** 10326854

Comida

À Guará

Eu estava picando alho e cebola para o arroz quando vi na televisão. A quarentena tinha finalmente terminado. Depois de não sei quanto tempo detida em prisão domiciliar, senti meus olhos arderem com as lágrimas que invadiram meus olhos. A última vez que chorei tanto foi no velório da minha avó, que morreu no início da quarentena.

As pessoas logo começaram um burburinho, dizendo que tudo ia ficar bem de novo, mas eu não me sentia bem. Quando as guerras mundiais terminaram, será que as pessoas se sentiram bem? Me pergunto se é possível sentir-se bem depois de um período tão traumático, com tanta gente morta, com tanta gente ferida, seja pelas balas, seja pela doença.

Passou-se um ano depois que a quarentena tinha terminado, mas ainda não me sentia segura para sair sem máscara, sem álcool, sem medo. As pessoas me estranhavam quando olhavam para mim, toda paramentada, em plena volta do “normal”. Acho que afirmar esse “normal” desesperado é uma forma de se desviar do trauma.

Como narrar o inenarrável? Como contar do que vivi na quarentena? Como visitar as pessoas quando aquelas que mais importam não estão mais aqui? Não consigo. Carrego a ausência comigo, o ponto culminante da tristeza se expressa no desânimo de acordar e de continuar vivendo “normalmente”.

Os únicos momentos em que me sinto alegre é quando estou cozinhando. Amassar alho com sal no pilão que ganhei no meu aniversário de 17 anos, refogar aquele tempero, para preparar o arroz que compõe o meu corpo, me deixa num estado de alegria orgasmonática. Não fico animada assim pelo arroz ou pelo sabor, mas porque me lembro da minha avó, quando ainda tinha condições para cozinhar e circular pela casa com seus aromas, interrompendo o processo de vez em quando para brincar com as cachorras. Depois da cirurgia não conseguia mais movimentar-se sem precisar de ajuda de terceiros, e isso a entristecia. Ficou tão triste que morreu.

Dizem que depois da morte, a pessoa volta para o seu melhor estado físico e mental. E eu acredito nisso. Acredito que ela reencontrou o seu marido, os seus pais e o seu irmão que falecera meses antes dela. Espero que ela esteja como

comida boa, com seus cheiros mais fortes do que nunca, em sua cozinha celestial, onde prepara uma grande refeição para me receber, quando decidir ir visitá-la.